

## REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NA OBRA O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ

Liciane Rodrigues Silva <sup>1</sup>

Maria Edinete Tomás <sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho analisa as representações de infância presentes na obra O Quinze, de Rachel de Queiroz. Para tanto, delinea o perfil ficcional da criança cearense do século XX a partir de suas possíveis raízes históricas e identifica prováveis intenções da autora ao trabalhar com a infância na obra. O estudo apoiou-se em pesquisa bibliográfica, com destaque para o pensamento de Ariès (1981), Moscovici (2007), Perrone-Moisés (1990), Zilberman (2003). Dentre os resultados, acham-se: o narrador foca a criança exclusivamente pobre, nordestina e retirante, com perfil diferenciado do previsto à burguesa, cercada de cuidados e feliz. Assim procedendo, a autora amplia a tragicidade da problemática social tematizada na obra e provavelmente quis chamar a atenção do leitor para o atraso cultural político e social no qual vivia o sertanejo nordestino no início do século XX.

**PALAVRAS – CHAVE:** Representação. Infância. Criança.

## CHILDHOOD REPRESENTATIONS IN THE BOOK O QUINZE BY RACHEL DE QUEIROZ'S

**ABSTRACT:** This article analyzes the representations of the childhood presented in the book O Quinze written by Raquel de Queiroz. For both, it outlines the fictional profile of the cearense child in the XX century through his possible historic roots and identifies possible intentions of the writer working with childhood in her book. This study is supported in a bibliography research, emphasizing the thoughts of Ariès (1981), Moscovici (2007), Perrone-Moisés (1990), Zilberman (2003). Between the results we can find: the narrator focuses on the exclusivity poverty child from northwestern who leaves his land with a different profile forecast to the bourgeois child who is full of care and happy. In this way, the author enlarges the drama of the social problem that is themed in her book and probably she would like to call attention of the reader to the cultural, political and social delay that lived the people from the northern backwoods in the beginnings of the XX century.

**KEY-WORDS:** Representation. Childhood. Child.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: [licianerodri@hotmail.com](mailto:licianerodri@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professora efetiva do quadro docente do Curso de Letras da UVA. E-mail: [editomas@hotmail.com](mailto:editomas@hotmail.com)

Embora a criança tenha sempre existido, o conceito de infância, a ela associado, é produto cultural, ideológico, localizado em um dado tempo e espaço, não tão distantes dos atuais.

Por muito tempo a infância foi um período da vida humana sem maior significância, breve e passageiro, correspondendo apenas a uma etapa transitória para a vida adulta. Por isso, não chega a ser representada artisticamente nas suas peculiaridades, senão a partir do século XVIII. Ainda assim, ao longo dos dois últimos séculos, são poucas as obras literárias que focam a criança. Esse interesse do adulto por representar a criança como parte de uma realidade social ganha destaque no decorrer do século XX. No caso brasileiro, a presença da criança em obras literárias torna-se mais frequente no Modernismo, como ocorre no Romance de 30.

O presente artigo discute as representações de infância com foco na obra **O Quinze**, de Rachel de Queiroz. Busca identificar como a infância é aí retratada enquanto parte da cultura brasileira de meados do século XX e quais os efeitos dessa representação na configuração da trama romanesca. Esta se desenvolve em torno da seca e de suas consequências funestas na vida de animais e pessoas, independente da posição social que as últimas ocupem. Ainda assim, no sertão, as crianças e os pobres são os mais atingidos.

Para atingir os objetivos pretendidos, desenvolvemos pesquisa bibliográfica em duas diferentes linhas: uma na vertente sociológica; outra na histórica. A primeira é representada por Moscovici (2007) e por Perrone-Moisés (1990), que discutem o conceito de representação social. Já a segunda, privilegia o pensamento de Ariès (1981), que discute as primeiras representações de infância na cultura ocidental em face dos sentimentos que o conceito suscita na população adulta; Zilberman (2003), que percebe o surgimento do conceito da infância como parte de uma questão ideológica decorrente de ocorrências históricas, das quais a ascensão da burguesia.

O desenvolvimento temático acha-se organizado em cinco subitens: Uma palavra inicial, A infância na cultura ocidental, As representações da infância em **O Quinze**, As raízes históricas do descaso e as do cuidar, Dos efeitos ficcionais às possíveis intenções autorais.

## MATERIAIS E MÉTODO

Para a obtenção dos objetivos pretendidos no trabalho, que ora apresentamos, foi realizado estudo analítico, do tipo temático, de uma obra literária. Nesse estudo foram discutidos conceitos advindos de pesquisa teórica, o que define a abordagem como exclusivamente qualitativa.

Tomamos como objeto de investigação as representações de infância presentes na obra **O Quinze**, de Rachel de Queiroz. A obra foi selecionada a partir do conhecimento prévio de que representa uma das mais expressivas da literatura brasileira do século XX, cuja narrativa conta com personagens infantis.

O estudo preliminar do romance escolhido partiu das seguintes questões: Como a autora representa a infância? Quais crianças são representadas? Qual a perspectiva pela qual o narrador foca a criança e quais as possíveis intenções a autora ao representá-la em sua obra? Que papel têm as crianças na condução da trama romanesca/narrativa? Qual o efeito estético alcançado com a presença delas na obra?

Portanto, para identificarmos as representações de infância no romance focado consideramos: a perspectiva do narrador ao focar a criança e as possíveis intenções da autora, Rachel de Queiroz, ao trabalhar com a infância na obra em estudo. A perspectiva do narrador acerca da infância foi identificada pelo espaço que ele dedica à infância e pelo modo como a define. Com base em tais aspectos e nas observações do efeito que as representações de infância causam na trama romanesca, identificamos as possíveis intenções da autora ao representar a criança no romance em estudo.

Para a discussão da temática, fizemos ainda estudo teórico de natureza histórica, sociológica e comparativa, por meio da qual encontramos as possíveis razões das representações ficcionais encontradas no cenário cearense de início do século XX, por ser este o trabalhado na narrativa do romance escolhido como amostra.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Uma palavra inicial**

A infância tornou-se alvo de muitos estudiosos interessados em descobrir como ela é representada ao longo da história dos povos, inclusive a partir do viés artístico. Ariès (1981), por exemplo, defende que até por volta do século XII, a infância não era tematizada, não havia interesse em representá-la, até por falta de um conceito

definido a respeito.

Com base em Ariès (1981), e em Zilberman (2003), esse conceito de infância surge no mundo ocidental por volta do século XVIII, quando à criança é atribuído certo papel social diferenciado do desempenhado pelo adulto. Desde então, o período de infância passa a ser reconhecido e, assim, visto como parte de uma realidade humana, que se transforma em objeto de estudo e tema das artes.

Discutindo a relação entre realidade e literatura, Barthes (1978) defende que embora esta não assuma o compromisso em refletir aquela com fidedignidade, ainda assim corresponde a uma supra realidade. Nas palavras do autor, a literatura é “[...] o próprio fulgor do real” (BARTHES, 1978, p. 18).

O nosso estudo sobre a infância é feito através de uma obra literária, visto que a literatura representa o mundo, as pessoas, a vida, as coisas. (CANDIDO, 1989) Dessa forma, poderemos analisar a infância representada na obra. E juntamente, poderemos recorrer à história da infância através dos tempos, sabendo que teremos raízes do cuidar e raízes do descaso.

Na perspectiva cultural, as representações sociais podem ser percebidas como um conjunto de explicações, princípios, valores e crenças que auxiliam o homem a organizar o seu cotidiano, sua convivência em sociedade. Tomada neste contexto, para Moscovici (2007), correspondem a um sistema complexo, criado e adotado de maneira individual ou coletiva, via de regra, numa perspectiva ideológica para manter certo grupo socialmente coeso. Há representações sociais que perduram ao longo dos tempos, como é o caso das relacionadas com os grupos socialmente marginalizados, dentre os quais as mulheres, as crianças, os índios ou os negros.

### **A infância na cultura ocidental**

Na contemporaneidade, não há como não considerarmos a infância, enquanto condição inerente à criança, como um fato social, arraigado na cultura dos povos. Mas, como fato cultural, cada sociedade tende a conceber e a promover a infância à sua maneira, como bem demonstra Stearns (2006). Inclusive, a de se considerar também que não se constituindo como fato natural, a própria noção de infância pressupõe um tempo e um espaço para ser concebida.

São recentes os estudos acerca da infância no mundo ocidental, até porque a criança não era representada como parte da realidade humana e não havia maior distinção entre idades da vida, como se posiciona Ariès (1981, p. 50):

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la, é difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade, é mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.

Para o mesmo autor, na sociedade ocidental, até por volta do século XII, a criança não assumia um papel social específico, conseqüentemente, não era representada por qualquer fazer humano. Nesse contexto social, o ser criança correspondia a um espaço de tempo muito breve, pois tão logo adquirisse certo grau de autonomia, essa criança era incorporada à vida dos adultos passando a viver e a agir como tais, sem qualquer distinção. A precocidade de ingresso na vida adulta resultava em casos de “despudor” para com a criança, o que chegava a comprometer-lhe própria vida sem que isso afetasse os membros do grupo, pois ainda não havia o sentimento de afeto entre eles.

Foi possível aos estudiosos chegarem a essa conclusão depois que a arte passou a representar a criança como um adulto em miniatura:

No mundo das fórmulas românicas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido. Essa recusa em aceitar na arte a morfologia infantil é encontrada, aliás, na maioria das civilizações arcaicas. (ARIÈS, 1981, p.51)

No século XIII surgiram alguns tipos de crianças que se aproximam mais do sentimento moderno. Primeiramente, o anjo, que era apresentado como uma criança crescida ou um rapazinho ainda muito jovem. O segundo tipo seria o Menino Jesus ou Nossa Senhora menina. Inicialmente, o menino Jesus era uma redução do adulto, como as outras crianças. E o terceiro seria a criança nua, que apareceu na fase gótica.

No século XV surgiram o retrato e o putto como formas de representação da infância. Primeiramente, a criança surge no túmulo de seus professores. Somente no século XVI, ela é apresentada em seu próprio túmulo. Esse fato nos mostra uma mudança com relação ao sentimento que se tinha de infância. Segundo Ariès (1981, p. 52), “O

gosto novo pelo retrato indicava que as crianças começavam a sair do anonimato em que sua pouca possibilidade de sobreviver as mantinha.”

O mesmo autor nos fala que o primeiro sentimento da infância surgiu no meio familiar burguês e é caracterizado pelo surgimento do vínculo afetivo. Já o segundo veio a partir dos eclesiásticos, dos moralistas, que viam as crianças como frágeis criaturas de Deus e que precisavam ser preservadas e disciplinadas.

Para Stearns (2006) e Heywood (2004), a religiosidade cristã exerceu grande influência na mudança de concepção acerca da infância, ao incentivar um novo tipo de sociedade, baseada na família unicelular.

### **As representações da infância em *O Quinze***

Para Perrone-Moisés (1990), o ato de representar corresponde à mesma mimese de que fala Aristóteles, ou seja, é algo natural do homem e inerente à arte. A representação mostra uma realidade que mesmo sendo uma imitação parte do real, do que há no mundo. A literatura faz isso, representa, imita a realidade. No caso da obra aqui estudada, temos uma narrativa que parte de um acontecimento real, que foi a seca de 1915.

Como buscamos a representação da infância na obra, o nosso enfoque foi dado às crianças presentes na obra, partimos analisando como são representadas. Na obra, representam-se crianças que vivem a realidade da seca. O enfoque maior é dado aos filhos de um casal de retirantes, chamados Chico Bento e Cordulina.

Chico Bento e Cordulina têm cinco filhos. Interessante notar que apenas se apresenta o nome de três deles. Duquinha, que é o mais novo; Pedro, o filho mais velho e Josias, que morreu durante a caminhada, porque comeu mandioca crua, justamente os que por motivos diferentes acabam se separando do seio familiar. Os outros dois não são citados com seus nomes.

Ariès (1981) mostra, através de seus estudos sobre a infância, que a forma como a criança era representada artisticamente pode nos dizer muito a respeito do sentimento e da percepção que se tinha desse período da vida em diferentes sociedades e períodos históricos.

Dessa forma, podemos perceber que o narrador de, **O Quinze**, mostra a

percepção de infância que se tinha no cenário cearense no início do século XX. Percebemos que a criança já tem seu lugar no seio da família e que recebe um pouco mais de atenção por parte dos pais do que as crianças do período da Idade Média, embora as circunstâncias desfavoreçam isso.

Podemos perceber isso quando ocorre a morte de um dos filhos de Chico Bento e Cordulina, o Josias, pois os pais demonstram muita dor e tristeza pela perda do filho, como demonstra o trecho: “Cordulina, no entanto, queria-o vivo. Embora sofrendo, mas em pé, andando junto dela, chorando de fome, brigando com os outros...” (QUEIROZ, 2009, p.67). A mãe preferia tê-lo por perto apesar das circunstâncias. Os pais também demonstram preocupação e angústia quando Pedro, o filho mais velho, some. Portanto, há um apego maior com a criança e ela faz falta aos pais.

A reação da mãe ao perder um filho é bem diferente da mãe que perdia na Idade Média, como nos mostra Ariès (1981, p. 56-57) no trecho:

As pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual. Isso explica algumas palavras que chocam nossa sensibilidade moderna, como estas de Montaigne ‘Perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero’, ou estas de Molière, a respeito de Louison de Le Malade Imaginaire ‘A pequena não conta.’ A opinião comum devia, como Montaigne, ‘não reconhecer nas crianças, nem forma reconhecível no corpo.’

Podemos ver nesse trecho o descaso que havia em relação à criança, como se ela não significasse muito. E vemos que a forma de ver e tratar a infância mudou. A criança passa a fazer parte do seio familiar e a ser cercada de cuidados e atenções.

Partindo para a relação entre pais e filhos, percebemos que a família de Chico Bento concebe o modelo de família patriarcal, na qual a autoridade máxima está no pai, a mulher é submissa, cuida da casa e dos filhos. Há o respeito e a obediência dos filhos para com os pais.

Já em relação ao modo como a criança aparece na narrativa podemos notar que o narrador não é uma criança, é alguém que fala das crianças, por isso podemos perceber que ele mostra a sua percepção em relação a ela. Mata (2006, p.17) nos diz que “A criança não é reconhecida como escritor. Sendo o ofício do escritor apresentar diferentes pontos-de-vista, é mediada pela voz do adulto que a voz da criança, ou uma

idéia de infância, vai poder ser lida na literatura.”. Ou seja, a criança é percebida na obra a partir do que o narrador coloca, é ele que busca representar uma infância, partindo de suas percepções, conhecimento e experiência com relação a esse período da vida.

Partindo da realidade das crianças na obra, podemos perceber que vivem na miséria. Não há momentos de brincadeira, que é algo tão presente durante a infância, pois na maioria das vezes, havia apenas sofrimento. Portanto, “A idéia de que a infância deve ser um período em que a felicidade está sempre presente é um mito. Isso não é o que de fato ocorre, muitas vezes, na vida real e até na ficção.” (BARRETO, 2006, p.19)

É perceptível que a infância marcada pela seca não é feliz, é trágica. Na obra, uma das crianças, Josias, passa tanta fome que morre por comer mandioca crua. É um fim trágico para uma criança.

Lajolo (2011, p.233) nos diz que:

Várias vertentes da literatura brasileira surpreendem pela presença significativa de crianças ao longo de suas páginas, quase sempre em scripts que invertem radicalmente a representação idílica da infância casimiriana, substituindo a visão ingênua e idealizada, por imagens amargas e duras.

Para Casimiro de Abreu a infância é um tempo feliz, por isso em seus versos ele coloca que tem saudades dela. E essa é uma representação de infância que é predominante na sociedade. Deveria realmente ser assim, mas existem muitas pessoas marcadas por uma infância infeliz.

Vemos uma significativa mudança ao retratar a criança, saímos do que seria o ideal, o mais esperado para a infância que é a felicidade para nos deparar com uma forma de retratar a realidade dura que ela pode ser. A literatura passa a retratar a infância infeliz.

O narrador, portanto foca a infância a partir dessa perspectiva trágica, da realidade dura, demonstrando uma infância marcada pela seca, uma infância contrária à visão casimiriana.

Com relação à fala das crianças podemos dizer que elas quase não falavam, e as poucas vezes que se manifestavam era para pedir comida. Não percebemos muito diálogo entre pais e filhos.

Essa questão da fala pode estar associada ao próprio significado da palavra infante, pois segundo Lajolo (2011, p.229) “As palavras infante, infância e demais cognatos, em sua origem latina e nas línguas daí derivadas, recobrem um campo semântico estreitamente ligado à idéia de ausência de fala.” Outra forma de justificar essa falta de diálogo é consideramos a realidade dura em que se encontram os personagens.

Neste quadro de perspectivas sombrias, a fome e a sede exigem tributo: o ser humano embrutece. A linguagem reflete a realidade seca, grave e trágica; frases curtas, enxutas de sentimentalismo, que traduzem como marteladas as pancadas da fome. (LANDIM, 1992, p.81)

Isso é perceptível na obra, pois na fala dos personagens conseguimos perceber que não há muito sentimentalismo, a linguagem é seca e trágica. As falas, na maioria das vezes, expressavam a fome, a sede e o cansaço que os personagens sentiam.

Durante a narrativa, os três filhos de Chico Bento e Cordulina vão se afastando do seio familiar, o primeiro é Josias, acaba morrendo porque comeu mandioca crua. O segundo é Pedro, que foge com um grupo e o terceiro é o Duquinha, que passa a morar com sua madrinha. Restam os dois filhos cujos nomes não são citados. Percebemos que a família de Chico Bento vai se perdendo durante a seca. É importante compreendermos o quanto a seca os afeta.

### **As raízes históricas do descaso e as do cuidar**

Na narrativa de **O Quinze** encontramos tanto momentos de descaso em relação à criança como de cuidados, uma contraposição que ocorre por conta de diferenças no modo de tratar a criança que vai variar de acordo com a classe social. De um lado encontramos uma família de retirantes, pessoas pobres e de outro uma família burguesa, de classe média composta por Conceição e Mãe Inácia. A forma de tratar a infância será diferente entre as duas famílias. Zilberman (2003) diz que quando se começa a se pensar na preservação das crianças isso ocorre de modo diferente entre as classes sociais. Enquanto a criança burguesa era tratada com atenções e cuidados, a criança proletária ainda era levada a trabalhar cedo.

Por mais que na modernidade prevaleça uma maior preocupação com o período da infância, que está bastante presente no modelo familiar burguês, ainda

encontramos descaso em relação à infância. Isso se deve ao fato de que a significativa mudança de sentimento e atitude em relação a criança ocorreu na burguesia, já no proletariado a situação continuava a mesma, a criança permanecia entre o seu grupo, misturada com os adultos, trabalhava cedo e não recebia muita atenção por parte dos adultos.

Como os personagens infantis da narrativa de **O Quinze** pertencem a essa classe menos favorecida é notório que as crianças não são preservadas e cercadas de atenções e cuidados, elas estão sempre juntas com o grupo de adultos.

Como nos mostra Ariès (1981), a atitude de não dar muita importância às crianças era muito presentes na Idade Média. Isso se dava pelas circunstâncias da época, pois nesse tempo havia muita mortalidade infantil, como muitas crianças morriam cedo, os adultos tendiam a não se preocupar com esse período da vida.

Na obra em estudo, podemos encontrar raízes desse descaso com as crianças. Como na seca os retirantes passavam muitas necessidades financeiras, há na narrativa o caso de uma mulher que pega uma criança de colo emprestada e a usa para sensibilizar outras pessoas a lhe darem esmolas, sem se importar com a criança que estava muito doente. A retirante deixa o menino na casa de Mãe Inácia, na qual pedira esmolas. Mãe Inácia era uma mulher de nível sociocultural mais elevado, sensibiliza-se muito com o estado da criança, fato que ilustra o que foi colocado anteriormente sobre os diferentes modos de tratar e de olhar a criança entre as classes sociais.

Quando a mulher volta para pegar o menino encontra-o morto e quando vai entregá-lo para a mãe dele observamos que esta não sofre muito com a perda do filho como podemos perceber no trecho:

A mulher fitou com os olhos enxutos o filhinho defunto.  
Depois virou-se desabridamente para a outra, com uma fúria repentina:  
— Se tivesse dado o pobre do bichinho a outra, não teria morrido!  
Desgraçada! Isso foi maltrato com a criança! (QUEIROZ, 2009, p.138)

A mãe como mostra o texto não chora ao ver seu filho morto, essa atitude parece muito com a da mãe da Idade Média como já foi citado, que não sofria muito com a perda dos filhos ainda criança.

Outro momento que vemos certo descaso é na relação dos pais com os filhos,

não se percebe em suas falas uma afeição ao se dirigirem às crianças. E nas atitudes também há certo descaso, até mesmo por conta das circunstâncias em que se encontravam. Há um trecho em que Cordulina ao ver Duquinha, o filho mais novo, pedindo mama diz o seguinte: “—Ô mocinha! Vê se tu dás um pirão de peixe a este menino que anda em tempo de me comer os peitos!” (QUEIROZ, 2009, p.35).

Uma criança como o Duquinha, ainda de tenra idade, não poderia se alimentar com comidas típicas de adultos. Entretanto, é preciso compreender a situação difícil que estavam passando, se a mãe não se alimentava direito não teria leite o suficiente para o filho pequeno, então, o jeito era dar outro alimento que tivesse. Poderíamos pensar que é um total descaso, mas com certeza que se a situação fosse outra, se ela como mãe tivesse bastante leite optaria por dar mama a seu filho. Havia um descaso justamente por conta da situação financeira, que mostra quão diferente era a forma de conceber a infância em circunstâncias desfavoráveis, como na pobreza.

Um aspecto que merece ser observado é que não encontramos momentos de ninar, de consolo, de conversa entre pais e filhos. Notamos uma relação fria, sem demonstrações de afeição e carinho, nem mesmo Duquinha é paparicado pelos pais.

Em contraposição, encontramos momentos em que os pais se preocupam com os filhos, portanto não há um total descaso. Quando a criança diz aos pais que está com fome o sentimento deles era de preocupação, angústia por não poderem satisfazer as necessidades dos filhos. Faziam o possível, a mãe se obrigava a pedir a pessoas desconhecidas. Notamos que há um cuidado com a criança, apesar da situação difícil.

A narrativa nos apresenta uma atitude que pode parecer descaso, mas que, na realidade, demonstra o cuidado e o amor dos pais. Duquinha, depois que passa uma longa caminhada de retirada durante a seca, passando muita fome, torna-se um menino muito debilitado e fica doente. Conceição, que é sua madrinha, pede a Cordulina para criá-lo e ela como mãe não queria dar, mas acaba aceitando por achar que se continuasse naquela situação o menino morreria. Há um trecho em que Chico Bento e Cordulina falam sobre o pedido de Conceição:

— E tu não tem pena de dar teus filhos, que nem gato ou cachorro?  
A mulher se justificou amargamente:

— Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente... A madrinha quer carregar pra tratar, botar ele bom, fazer dele gente... Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro... (QUEIROZ, 2009, p.108)

É perceptível o ato de amor dos pais, pois sabiam que seria o melhor para o filho, seria a sua salvação. Duquinha passa a morar com sua madrinha, sai de um modelo familiar de proletariado para um burguês. Com essa mudança percebemos a diferença no tratar a criança, pois sua madrinha tinha como cuidar melhor dele do que os pais, ele se recupera, já que “Conceição toda se desvelava em exageros de maternidade”. (QUEIROZ, 2009, p.112) Uma maternidade que não teria porque não constituiu família, por isso decidiu criar uma criança, e nela deposita toda sua afeição, seu amor e cuidado. Sabendo que Conceição não era casada, morava com sua Mãe Inácia, notamos que Duquinha além de passar a pertencer a uma família burguesa, também terá uma mudança na estrutura familiar, se antes tinha a figura do pai e da mãe, agora terá apenas a figura feminina presente, no caso, a sua madrinha.

A narrativa apresenta como Duquinha sofre com a separação da mãe e estranha o novo ambiente em que se encontra, sabemos que toda criança tem um laço muito forte com a mãe, com ela se sentia seguro e a conhecia, por isso quando sua mãe foi deixá-lo com a madrinha, que quis pegá-lo ele fez uma cara de choro e agarrou-se a mãe. Então sua mãe coloca-o no chão e ele demonstra desconsolo e medo como mostra a fragmento: “[...] Duquinha ficou de cócoras, encolhido, agarrado ao pé da mesa, como um bicho bravo assustado, grunhindo surdamente de desconsolo e de medo, a qualquer aproximação.” (QUEIROZ, 2009, p.109). Mas aos poucos foi se acostumando com a madrinha, que se dedicava tanto a ele, pois ficou muito doente, sua madrinha teve que levá-lo ao médico, felizmente, ele foi melhorando aos poucos, graças aos cuidados dela.

Analisamos, portanto, que temos raízes históricas do descaso, que ocorreu muito no período da Idade Média, no caso de não sentir muito com a morte de um filho e também temos raízes históricas do cuidar, quando se começa a pensar mais na criança, dando-lhe mais atenção e carinho, buscando preservá-la e quando os pais começam a ter mais diálogo com os filhos.

### **Dos efeitos ficcionais às possíveis intenções autorais**

Rachel de Queiroz apresenta um estilo de narrativa bem despojada, depurada e com uma grande força dramática. Em sua obra **O Quinze** representa uma realidade do lugar em que já viveu. Ela parte de um fato real, que foi a seca de 1915, e como Perrone-Moisés (1990, p.105) afirma: “Narrar uma história mesmo que ela tenha realmente ocorrido é reinventá-la.” E é o que autora faz, traz um fato real para a ficção de forma muito engenhosa.

Partindo do pressuposto de que a literatura indica o que falta no mundo e em nós e de que ela está sempre colocando que o real não satisfaz, como nos diz Perrone-Moisés (1990) consideramos que com, **O Quinze**, a autora Rachel de Queiroz, possivelmente buscou através de uma realidade reinventada pela ficção mostrar a insatisfação com o mundo, com o real. Daí surge em sua obra a denúncia social com o descaso para com as vítimas da seca, demonstrando na ficção a falta no mundo e nos dando a possibilidade de refletir sobre aquilo que nele deveria estar.

A autora de **O Quinze**, possivelmente, buscou através de sua obra mostrar a triste realidade da seca, sensibilizando-nos com a situação apresentada. Para isso ela se utiliza da fragilidade da infância. Sabemos que a criança por ser pequena ainda é um ser frágil e precisa de cuidados. Como afirma Lajolo (2011, p.234): “A fragilidade da infância foi e continua sendo artifício retórico poderoso em nossa cultura”. A autora ao apresentar uma criança que chora pedindo comida e água, que se encontra mal vestida e muito magra desperta sentimentos como espanto, piedade, comoção e compaixão.

Na narrativa temos o lado dos que passam a seca como retirantes, que sofrem com o sol, a sede e a fome, e o dos que quase não sofrem com ela, porque têm dinheiro. Tendo os dois extremos, o narrador foca a criança pobre, filha de retirantes, uma criança debilitada, que passa fome, portanto define os traços físicos dela dessa forma “[...] um dos meninos, nu, tão magro que era um espanto ver aquele ventre tão grande se sustentar numas pernas tão finas, [...]” (QUEIROZ, 2009, p.96). Portanto, ao representar a criança pobre atribuem-lhe características que como a magreza, a nudez e a sujeira. É como afirma Moscovici (2007), as representações convencionalizam as pessoas e objetos, dando-lhes uma forma bem definida, assim sendo, apresenta-se em nossas mentes um modelo de criança pobre. Além do mais “[...] a representação iguala toda imagem a uma idéia e toda idéia a uma imagem.” (MOSCOVICI, 2007 p.46).

Em nossa sociedade temos muitas representações que já se convencionaram como algo natural, corriqueiro, cultural; além da imagem divulgada da criança pobre, temos a representação dos índios, dos negros, dentre outros grupos sociais marginalizados. Essas representações são como Moscovici (2007) afirma, superimpostas socialmente e são assimiladas de geração em geração.

Mas, como adianta, Lyotard (1984), a literatura pós-moderna subverte as “verdades absolutas”, especialmente nascidas do *lato senso* e isso pode ser visto no romance em foco. A escolha por retratar exclusivamente a criança pobre em **O Quinze** possivelmente está relacionada com a questão de denúncia social, já que a referida obra insere-se no que foi convencionado como “Romance de 30”, cujos autores imprimiam em suas produções literárias uma preocupação com as questões sociais existente na época, das quais o abandono social e histórico no qual se achava o nordestino interiorano de início do século XX.

Ao mesmo tempo, Rachel certamente previu que seu leitor se sensibilizaria mais com o estado da criança. A representação da criança pobre, inserida num contexto cultural historicamente defasado, causa maior dramaticidade à obra do que a de uma criança rica ou de classe média, cuja cultura mais atualizada, dispense-lhe atenções e cuidados. Assim, consideramos aqui as possíveis intenções autorais, muito embora como coloca Perrone-Moisés (1990, p. 109): “O que importa, assim não são as intenções mensageiras do autor (por melhores que sejam) e sim a capacidade de imprimir à obra aquele impulso poderoso e aquela abertura estimulante que convida o leitor a prosseguir sua criação”. Quando se fala em impulso poderoso compreendemos que seja a capacidade da literatura exercer influência em nossas vidas, fazendo-nos questionar o mundo, portanto, tornando-nos mais esclarecidos, compreensivos, críticos, embora tolerantes.

A autora Rachel de Queiroz em sua obra faz-nos refletir sobre o descaso social, e que, no caso, os que mais sofrem são as crianças, por serem mais frágeis e precisarem de mais cuidados, o que é bem demonstrado na narrativa. A autora soube muito bem explorar a fragilidade da criança nos comovendo por sabermos que um ser tão indefeso ainda teve que passar por circunstâncias tão difíceis, chegando muitas vezes, a perder a vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rachel de Queiroz, em **O Quinze**, retrata exclusivamente a criança pobre, vítima da seca, com *déficits*, inclusive, culturais. Essa situação é indiciada de muitas maneiras, como no caso das relações familiares, onde raro é o diálogo entre os membros e pouco espaço é dado à fala das crianças. Estas também não dispõem de um espaço social e nem de uma formação específicos, formam-se no contato direto com os adultos com quem aprendem, desde muito cedo, a desenvolverem atividades próprias do modo de produção adulto.

Assim sendo, percebemos que a realidade da infância do sertanejo nordestino de início do século XX acha-se muito próxima do descaso no qual viviam as crianças medievais. Nesse contexto, a criança pobre é representada sob uma ótica convencional culturalmente: é magra, nua e suja. Ao assim representar artisticamente a criança nordestina interiorana, Rachel de Queiroz, possivelmente, teve a intenção de sensibilizar o leitor através da fragilidade da criança, despertando sentimentos como o espanto e a piedade e também abrir-lhe os olhos para questões sociais mais sérias, como o atraso cultural, associado aos *déficits* econômicos.

Através desse trabalho percebemos a importância da compreensão da infância como um período da vida humana que passa a ser mais olhado e entender como a Literatura retrata esse fato da realidade, levando em conta o valor que é atribuído à criança, tanto pela família, como pela sociedade da época retratada no romance.

Esperamos que nosso estudo contribua para motivar futuras pesquisas e para divulgar a literatura cearense.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. (trad. Dora Flaksman) 2a ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1981.
- BARRETO, Cintia Cecilia. **A representação da infância em Lya Luft**. 2006. 124 f. Dissertação (mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. 24 (9): 803-809, set, 72.
- HEYWOOD, Colin. **Uma História da Infância**: da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente. (trad. Roberto Cataldo Costa). Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAJOLO, Marisa. **Infância de Papel e Tinta**. In: História da infância no Brasil. Org. Marcos Cezar de Freitas. 8º Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LANDIM, Teoberto. **Seca**: A estação do Inferno. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1992.
- LYOTARD, Jean-François. **O Pós-moderno**. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- MATA, Anderson Luís Nunes da. **O silêncio das crianças**: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea. 2006. 131 f. Dissertação (mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social / Serge Moscovici: editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. -5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: **Flores da escrivantina**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 86. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2009.
- STEARNS, Peter N. **A infância**. São Paulo: Contexto, 2006..
- ZILBERMAN, R. O Estatuto da Literatura Infantil. In **A Literatura Infantil na Escola**. 11 ed. rev., atual. e ampl. - São Paulo: Global 2003. (p. 31-59).